



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS
CLÁSSICAS

MATHEUS LEOPOLDINO DA CRUZ

EXCLAMATIVAS-WH NÃO SENTENCIAIS DO PB;
CARACTERÍSTICAS SINTÁTICAS E QUESTÕES INICIAIS

Brasília – DF

2019

MATHEUS LEOPOLDINO DA CRUZ

**EXCLAMATIVAS-WH NÃO SENTENCIAIS DO PB;
CARACTERÍSTICAS SINTÁTICAS E QUESTÕES INICIAIS**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de
Curso para graduação em Letras – Português pela
Universidade de Brasília (UnB)
Orientador: Prof.^a Dr. Paulo Medeiros Junior

Brasília – DF

2019

EXCLAMATIVAS-WH NÃO SENTENCIAIS DO PB;
CARACTERÍSTICAS SINTÁTICAS E QUESTÕES INICIAIS

Matheus Leopoldino da Cruz (UnB)

Paulo Medeiros Junior (Orientador)

Resumo: o presente artigo se propõe a analisar a estrutura das frases exclamativas não sentencias. Mais especificamente, o artigo objetiva entender a razão desse tipo de sentença poder ser formada ou com adjetivos ou com a partícula ‘que’, mas não sem as duas. Este trabalho se debruça sobre as construções exclamativas constituídas por um nome no aumentativo, propondo que a flexão de grau assume nesses casos o papel avaliativo do adjetivo, viabilizando a constituição da exclamação.

Palavras-chave: Exclamativas não sentencias. Aumentativo. Cartografia sintática.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a investigar a estrutura sintática das sentenças exclamativas-WH não sentencias no português brasileiro (doravante PB), sentenças como a que se pode ver em (1).

(1) Que bolsa linda!

Os dados relevantes para esta pesquisa são os dos três seguintes tipos de estrutura: que + adjetivo + substantivo (2.a), que + adjetivo (2.b) e que + substantivo (2.c). Em um contexto pragmático em que o falante se depare com um carro que é surpreendentemente interessante, ele poderá produzir as seguintes frases.

(2) a. Que lindo carro!

b. Que lindo!

c. Que carro!

Deve-se notar que as sentenças em (2.a) e (2.b) podem derivar frases sem a partícula “que”, (3.a) e (3.b), respectivamente, enquanto o mesmo não se observa com relação a (2.c), já que esta última se mostra incapaz de gerar uma frase exclamativa gramatical, como se vê em (3.c).

- (3) a. Lindo carro!
- b. Lindo!
- c. *Carro!

Observe-se ainda que, apesar de ser impossível ter (3)c em português, (4) é uma exclamativa perfeitamente bem-formada na língua, o que nos traz mais um ponto intrigante para a discussão:

- (4) Carrão!

O presente trabalho tem como objetivo explicar quais são os motivos para existir agramaticalidade em (3.c) e não em (3.a) e (3.b). Analisarei duas hipóteses. A primeira propõe que ou a partícula ‘que’ ou o adjetivo estão elididos em (3), tornando a sentença exclamativa. A segunda é que existe algum compartilhamento de traços entre a partícula ‘que’ e os adjetivos. Além disso, tentarei explicar (4) em termos de duas hipóteses básicas: a de que o núcleo de um sintagma exclamativo é um adjetivo (ZANUTTINI & PORTNER (2003)) e a de que uma projeção de grau (DegP) no interior do AP exclamativo seja responsável pela boa formação de (4).

O trabalho se estrutura da seguinte maneira: na seção 2, “O que é uma Exclamativa” eu demonstro, com base no trabalho de Zanuttini e Portner (2003), as características principais das frases exclamativas. Na seção 3, “Questões teóricas”, faço uma revisão da bibliografia relevante para a discussão do presente trabalho. Na seção 4, eu analiso os dados e exploro as hipóteses apresentadas nesta introdução.

1. O QUE É UMA EXCLAMATIVA

Uma língua possui frases com diferentes forças ilocucionária, ou seja, com diferentes funções de locução: há frases para afirmar (afirmativas), para interrogar (interrogativas), frases para negar (negativas) e, também, frases para exclamar

(exclamativas). A seguir, debruço-me sobre as características de uma frase exclamativa.

1.1. DEFININDO A EXCLAMATIVA

A frase exclamativa se distingue da declarativa pelo fator semântico de surpresa que existe no primeiro tipo de sentença. Vejamos o contraste nos dados a seguir:

- (5) a. A casa de João é grande.
- b. A casa de João é grande!

Ao se avaliar o dado em (5)a, uma declarativa, pode-se dizer que o falante acredita no valor verdade da proposição, ou seja, que a casa do João é grande. Já em (5)b, o falante acredita no valor verdade da proposição e, além disso, acredita que o fato relatado seja surpreendente.

Do ponto de vista da oralidade, a diferença entre as duas sentenças se dá pela entonação que o falante usa para pronunciá-las. O dado em (5)b é uma exclamativa entonacional, sendo seu contraste com a declarativa marcado apenas prosodicamente. Entende-se que exclamativas contenham conteúdo factivo (ZANUTTINI & PORTNER (2003)), uma vez que só podem ser encaixadas como complementos de verbos factivos.

Não vou me ocupar neste trabalho de sentenças do tipo de (5)b, mas apenas das que são iniciadas por um constuinte-wh, conforme já explicitado na introdução. Ocupo-me aqui das sentenças que não apresentam verbos explícitos e que apresentam um operador-wh.

1.2. CARACTERIZANDO A EXCLAMATIVA

Levando em conta o estudo de Zanuttini & Portner (2003), pode-se dizer que três características possam ser associadas a uma frase exclamativa; são elas a implicatura escalar, o seu uso (ou a impossibilidade de seu uso) em situações de pergunta e resposta e a factividade.

Comecemos pela implicatura escalar, analisando o dado em (6):

(6) Que alto esse menino!

A implicatura escalar se refere à noção de surpresa e de extremidade desse tipo de sentença. Assim, a frase ‘que alto aquele menino!’ indica que a altura do menino é maior que o esperado e, por isso, surpreendente. Em outras palavras, existe uma gradação de altura e o menino se encontra em uma extremidade dessa gradação, o que causa surpresa.

Zanuttinni & Portner ainda observam o seguinte, quanto ao uso de exclamativas em interação com perguntas e respostas: é possível responder a uma interrogativa como em (7), mas não a uma exclamativa como (8):

(7) A: O João é alto? B: Sim.

(8) A: O João é alto! B: *Sim.

A factividade diz respeito à condição da exclamativa de ser encaixada em predicados factivos, como aqueles constituídos pelo verbo saber. É o que vemos em (9):

(9) a. Quão altos são os filhos da Maria!

b. João sabe quão altos são os filhos da Maria¹.

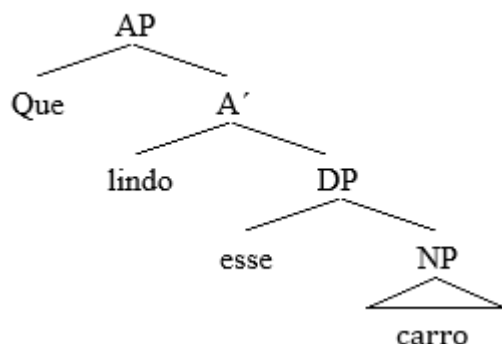
Acredito que a caracterização que fazem Zanuttinni e Portner das sentenças exclamativas esteja correta.

Com relação a sintagmas exclamativos do tipo de “que linda casa”, esses mesmos autores propõem que o núcleo de um sintagma dessa natureza precisa ser um adjetivo, dada a natureza avaliativa que a construção apresenta; teríamos, portanto, nesse tipo de construção, a projeção de um sintagma adjetival (AP), tá como se vê no diagrama em (10) a seguir:

(10)

¹ Sibaldo (2015) apresenta como contra-argumento para essa análise o fato de que sentenças exclamativas do português introduzidas pelo operador “que” não podem ser encaixadas, mesmo como complementos de verbos de conteúdo factivo:

- (i) a. Que altos são os filhos da Maria!
b. *O João sabe que altos são os filhos da Maria.



2. QUESTÕES TEÓRICAS

Nesta seção, avalio as teorias que servem de pano de fundo para a análise que pretendo desenvolver, bem como alguns dos trabalhos teóricos sobre as sentenças exclamativas.

2.1. ARCABOUÇO TEÓRICO

Nas seções a seguir, apresento alguns pressupostos da teoria sintática que emprego neste trabalho, bem como as bases do que convencionou chamar sintaxe cartográfica, elementos que embasarão a análise dos dados.

2.1.1. PRINCÍPIOS E PARÂMETROS PARA A LINGUAGEM HUMANA E O PROGRAMA MINIMALISTA (CHOMSKY (1986, 1993)).

A gramática gerativa estuda a linguagem humana sob uma perspectiva científica. A ideia central dessa linha de pesquisa é a proposta de que o ser humano possui uma estrutura biológica e cognitiva especificamente orientada para a linguagem, a qual não é encontrada em outros organismos. Os mecanismos mentais e neurológicos que tornam possível a criação da linguagem no homem é o que constitui o que se convencionou chamar a Faculdade da Linguagem. A corrente gerativista de investigação da linguagem tem por objetivo explicitar os princípios que caracterizam esse componente da mente.

Nessa abordagem, a faculdade da linguagem tem como componente fundamental uma espécie de sistema de natureza computacional, que gera representações mentais adquiridas por meio da aplicação de um conjunto específico de princípios sobre o agrupamento de símbolos especificamente categorizados, que advém de um léxico de formas elementares.

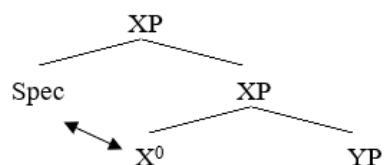
Esse sistema computacional no seu estado inicial é chamado de Gramática Universal (GU). Esta é um conjunto de propriedades inatas e invariantes na espécie humana.

A GU se constitui em princípios restritos com várias opções de manifestação. Essas opções seriam os Parâmetros. No processo de aquisição da língua, os valores dos parâmetros são “ativados” com base no ambiente linguístico em que o indivíduo está inserido. Assim, passa-se a entender que uma língua particular é determinada a partir de uma certa seleção feita entre as opções paramétricas disponíveis.

Em outras palavras, todas as línguas do mundo são regidas pelos mesmos princípios e suas peculiaridades se devem ao modo como essas propriedades universais se revelam.

As estruturas sintáticas, segundo o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1993), seriam derivadas por meio da seleção de itens lexicais que portam traços formais. Esses traços formais precisariam ser eliminados antes que a derivação atingisse o ponto em que o material é enviado para as interfaces (fonológica e semântica). Para isso, postula-se uma configuração específica (configuração Spec-Head, ou Especificador-Núcleo), em que ocorre a checagem e eliminação desses traços formais. A configuração sintática apropriada seria a seguinte:

(11)



Essas questões teóricas são retomadas na proposta de critérios da cartografia sintática, tal como veremos a seguir.

2.1.2. A PROPOSTA CARTOGRÁFICA (RIZZI, 1997; E RIZZI & BOCCI, 2017) (ACRESCENTAR AQUI DISCUSSÃO DE RIZZI 1997 RIZZI E BOCCI 2017 SOBRE O MAPEAMENTO CARTOGRÁFICO DOS SISTEMAS TOPIC-FOC E FORCE-FIN)

Em artigo de 1997, Rizzi propõe que o sistema CP (região que faz a interface sintaxe/discurso e que codifica informações sobre tipo sentencial e força ilocucionária) parece se apresentar mais rico (com mais posições sintáticas) do que simplesmente

possuir uma posição de especificador para hospedar sintagmas-wh movidos em função da tipificação sentencial (CHENG, 1991). A ideia é que a periferia da sentença (sistema CP) contenha projeções para hospedar uma série de elementos para os quais antes só havia uma análise de aporte discursivo, como elementos em foco ou construções de tópico, por exemplo.

Rizzi (1997) defende essa hipótese por meio de uma série de testes sintáticos no italiano. Uma simples questão de posicionamento de partículas complementizadoras evidencia uma maior riqueza do Núcleo CP. Ao se constatar que, em italiano, o *che* (que) precede o tópico e que o *di* (*infinitival complementizer*) necessariamente o segue (como é possível ver em (12) e (13)), conclui-se que existe um ordenamento sintático inicial exemplificado em (14) (Rizzi e Bocci 2017).

(12) Italian

Ho deciso che, la macchina, la comprerò quest'anno.

'I decided that, the car, I will buy it this year.'

(13) Ho deciso, la macchina, di comprarla quest'anno.

'I decided, the car, of to buy it this year.'

(14) Force ... Top ... Fin ...

(RIZZI E BOCCI, 2017, p. 3 e 4)

Outra posição essencial para mapeamento inicial do CP é posição de Foco, que pode ser precedida ou sucedida por um tópico, como é possível ver em (15).

(15) Credo che, al presidente, QUESTO, nella riunione di domani, gli dovrete dire

'I believe that, to the president, THIS, in tomorrow's meeting, you should say to him'

Isto leva à hipótese de que há duas posições possíveis para Tópico, o que leva ao seguinte mapeamento.

(16) [Force [Top* [Foc [Top* [Fin [IP ...]]]]]]

(RIZZI E BOCCI, 2017, p. 3 e 4)

No artigo *The Left Periphery of the Clause*, de 2017, Rizzi e Bocci detalham e ampliam o programa da cartografia das estruturas sintáticas. Os autores propõem, com

base em Rizzi (1997), um aprofundamento dos mapas de estruturas sintáticas hierarquicamente organizadas.

O programa postula que a periferia esquerda da sentença é composta por uma sequência de núcleos funcionais que atraem sintagmas com traços compatíveis (em compatibilidade com a ideia de que a estrutura se organiza por meio da checagem de traços formais que os itens lexicais portam originalmente). Estes núcleos estariam, assim, relacionados a uma série de questões que têm relação com a interpretação da sentença.

Os autores argumentam, seguindo Rizzi (1997 e trabalhos a ele relacionados) a existência de uma projeção FORCE em C (a responsável pela força ilocucionária), que hospedaria sintagmas relativos e exclamativos. Nas palavras dos autores:

Force expresses the illocutionary force, or clause type (declarative, question, exclamative, ...; Cheng 1991), the kind of information which must be accessible to a higher selector in case of embedding (a main verb like *think* would select a declarative, *wonder* an interrogative, and so forth)

(RIZZI E BOCCI, 2017, p. 3)

As projeções sintáticas relevantes em CP seriam ativadas pela presença de sintagmas com determinados traços na derivação e esses sintagmas, por meio de um sistema de critérios, seriam atraídos para a configuração desejada (Spec-Head) a fim de que os traços (de foco (Foc), tópico (Top) ou um traço relativo (Rel) ou exclamativo (Excl)) pudessem ser verificados.

Tomo esses pontos teóricos como cruciais para a presente análise. A seguir, apresento a avaliação de algumas propostas sobre frases exclamativas.

3. ANALISANDO EXCLAMATIVAS-WH NÃO SENTENCIAIS DO PORTUGUÊS

Nesta seção, apresentarei os dados e analisarei a razão das exclamativas que possuem ou somente a partícula ‘que’ ou somente um adjetivo são gramaticais e a razão das exclamativas que não possuem nenhum desses elementos não poderem formar uma exclamativa gramatical. Para isso, explorarei as duas hipóteses apresentadas na introdução. Também explorarei nesta seção como a morfologia de grau pode atuar na sentença exclamativa.

3.1. ENFOCANDO E AVALIANDO HIPÓTESES DE ANÁLISE

Em Leopoldino (2018), discuti a derivação de sentenças como (15) e (16) a seguir:

- (17) a. Que linda casa!
b. Que linda!
c. Linda casa!
d. Linda!

- (18) Que casa!

A hipótese aventada ali foi a de que um sintagma exclamativo teria como núcleo um adjetivo (ZANUTTINNI & PORTNES, 2003), o que viabilizaria por meio de um critério exclamativo (Leopoldino, p. 10) a derivação das exclamativas em (12). A presença do adjetivo mostrava-se crucial para a constituição da exclamação, dado o caráter avaliativo desse tipo de construção em relação ao nome que ela contém.

Além disso, Leopoldino (2018) também avalia construções como (13) propondo que o adjetivo nessas construções pode ser elidido, desde que a partícula “que” seja mantida; considerou-se que “que” e o adjetivo compartilham um traço [+avaliativo] e que, portanto, (13) pode constituir uma exclamativa bem-formada em português. Assim sendo, entende-se que, desde que se considere a projeção da camada adjetival (seja ela realizada pelo adjetivo em si ou pela partícula “que”), as sentenças exclamativas serão bem-formadas, já que atendem às exigências sintático-semânticas da língua.

Entretanto, Leopoldino (2018) deixa em aberto a explicação de dados como (14) a seguir:

- (19) a. *Carro!
b. Carrão!

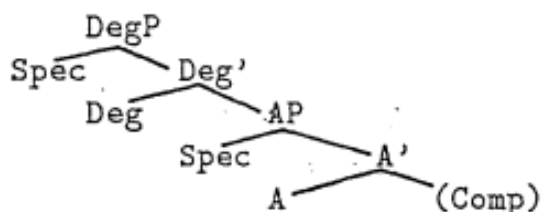
Pretendo, nas seções a seguir, discutir esse tipo de dado e buscar uma explicação para o contraste que se observa entre (14)a e (14)b.

3.2. AS EXCLAMATIVAS E A MORFOLOGIA DE GRAU

A morfologia de grau parece ter um efeito similar a partícula ‘que’ nas sentenças exclamativas, embora haja algumas particularidades naquela. Enquanto em (14)a, a sentença é agramatical, (9)b, contendo apenas o substantivo, sem a partícula ‘que’ ou um adjetivo, consegue *status* de gramaticalidade. O que pode estar acontecendo aqui?

Trabalhos como o de Zamparelli (1993) propõem que adjetivos escalares do tipo de “linda” projetam sintagmas adjetivais com a seguinte constituição:

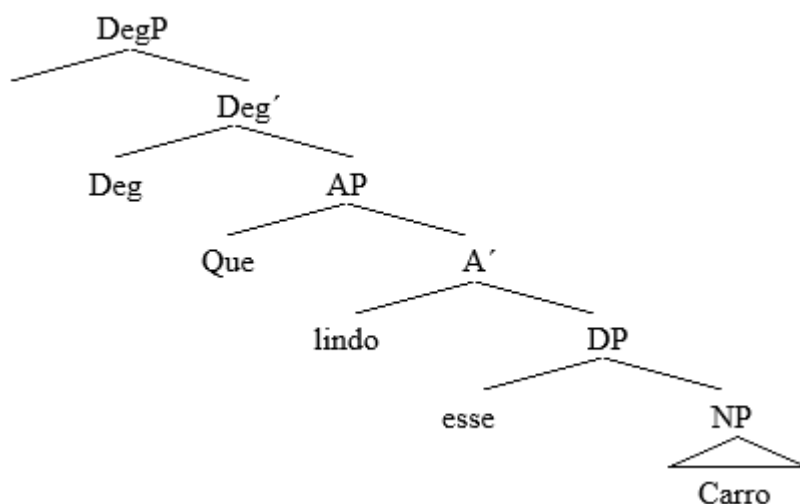
(20)



Zamparelli, 1993, p. 153.

Imaginemos, seguindo Zamparelli, que o sintagma exclamativo tenha essa constituição, ou seja, que o seja dominado por uma projeção de grau (DegP). Expandiríamos, portanto, a representação feita em (10), para a que se mostra em (21) a seguir:

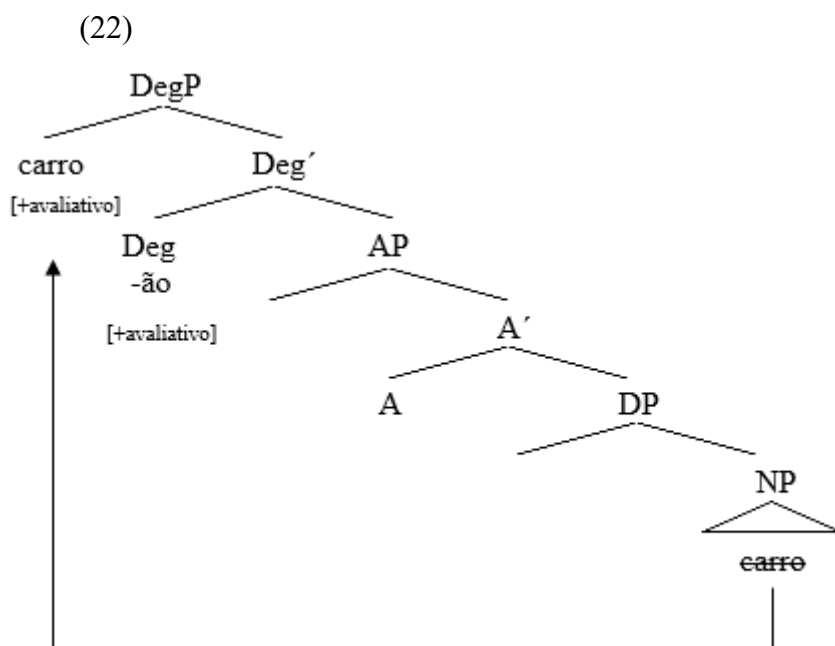
(21)



Imaginemos, a seguir que o crucial em um sintagma exclamativo seja a presença do traço [+avaliativo] que, em seções anteriores, dissemos ser compartilhado pelo adjetivo e pela partícula “que”.

E se supuséssemos que a projeção de grau (ou seja, um núcleo Deg) contivesse necessariamente esse traço específico? Para que o traço fosse verificado, bastaria que a projeção fosse ativada internamente ao AP.

Passo a propor aqui que, na ausência do adjetivo, ou da partícula “que”, a semântica exclamativa passa a existir se o nome (no caso de (14), “carro”) atingir essa projeção e receber a morfologia de grau, conforme o que se representa a seguir:



O que vemos aqui é que a ativação da projeção de grau (DegP) por meio do movimento do nome, propicia a verificação do traço [+avaliativo] ativando, assim, a interpretação exclamativa para a sentença. A morfologia de grau, portanto, mostra-se crucial nesses casos para explicar o contraste entre (14)a e b.

Essa hipótese, entretanto, faz a seguinte previsão: o grau ativa a exclamação, seja ele aumentativo, ou diminutivo, contrariamente aos fatos. Poucos falantes do português aceitam a gramaticalidade de (18). Isso demonstra que o diminutivo parece não apresentar o mesmo efeito:

(23) *Carrinho!

São necessários trabalhos futuros para analisar mais profundamente essa questão.

3.3. AVALIANDO SIBALDO: UMA ANÁLISE ALTERNATIVA

Em seu trabalho *Semelhanças e diferenças entre duas sentenças exclamativas do português brasileiro*, Marcelo Sibaldo estuda dois tipos de frases exclamativas: o que ele vai chamar de *Small Clause* Livre, construção caracterizada “pela justaposição de um predicado e o seu sujeito, nessa ordem, sem verbo ou morfologia de tempo na sua superfície” (p. 114) e as *Que-Small Clause* Livres, que se diferenciam da primeira unicamente porque são iniciadas por uma palavra-wh.

Sibaldo parte para uma análise de exclamativas supondo encontrar nelas a estrutura de small clauses. A small clause, em tradução livre, seria “~~pequena oração~~”. Ela é caracterizada por ser uma predicação que se estabelece entre dois constituintes, um sendo o sujeito e outra sendo o predicado. Como este tipo de sentença não possui um verbo em sua constituição, ele não pode ter a mesma configuração de um VP e ser encabeçado em um IP (Miotto, 2007). Em (11), podemos ver que o constituinte “João um bom partido” é uma Small Clause, sendo “um bom partido” predicado de “João”.

(19) Maria acha João um bom partido.

(20) Muito linda essa calça!

(21) Que aula chata!

O trabalho de Sibaldo (2015) não faz previsões sobre frases que possuem apenas um adjetivo exclamando, como foi visto em (12)d ou sobre frases que ganham valor exclamativo com a morfologia de grau. Se as frases exclamativas não sentenciais de fato possuem uma estrutura de Small Clause, então frases do tipo de (12)d possuem o sujeito elidido? Como ainda não há respostas satisfatórias para tais questões, ficamos aqui com a análise que ora se implementa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, concentrei-me em explicar como um nome por si só não pode constituir uma exclamação enquanto sua contraparte no aumentativo constitui uma exclamação bem-formada em português.

Procurei defender aqui que a morfologia de grau tem caráter avaliativo do nome flexionado em grau e cumpre as funções do adjetivo em uma projeção exclamativa.

Assim, é possível exclamar usando apenas um nominal nu (um nome sem qualquer outro elemento), desde que ele esteja flexionado no aumentativo. Conforme avaliado na seção 3.2, essa hipótese enfrenta alguns problemas como a impossibilidade de se poder exclamar empregando um nominal no diminutivo, como se viu em (18).

Entende-se, portanto, que ainda sejam necessários futuros trabalhos para entender a estrutura das exclamativas não sentenciais e o papel da morfologia de grau nesse tipo de construção.

BIBLIOGRAFIA

CHOMSKY, N. *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

CHENG, Lisa Lai-Shen.. *On the Typology of Wh Questions*. PhD diss., MIT, 1991

LEOPOLDINO, M. *Exclamativas-wh não sentenciais do português brasileiro: uma análise preliminar*. In: 24º Congresso de Iniciação Científica da UnB e 15º Congresso de Iniciação Científica do DF, UnB, Brasília, 2018

RIZZI, L; BOCCI, G. The left periphery of the clause – primarily illustrated for Italian. In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. C (Eds.). *Blackwell Companion to Syntax, II edition*. Wiley-Blackwell, New Jersey, 2017.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: *Elements of grammar: Handbook of generative syntax*, ed. by Liliane Haegeman, 281–337. Dordrecht: Kluwer., 1997

SIBALDO, M. A. Semelhanças e diferenças entre duas sentenças exclamativas do português brasileiro. In: Gragoatá, n. 40, Niteroi, RJ, 2015.

ZAMPARELLI, R. Pre-nominal modifiers, Degree phrases and the Structure of AP. In: *Working papers in Linguistics*, vol. 3 University of Venice, 1993.

ZANUTTINI, R; PORTNER, P. Exclamative Clauses: At the Syntax-Semantics Interface. *Language*, 2003.

SIBALDO, Marcelo Amorim. Semelhanças e diferenças entre duas sentenças exclamativas do português brasileiro. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2015.